

Homens trans no esporte: o futebol como ferramenta de inclusão social

Trans men in sport: football as a tool for social inclusion

Noah Kyon Borges Caldas Ferreira, Rafael Marques Garcia

Como citar esse artigo. FERREIRA, N. K. B. C. GARCIA, R. M. Homens trans no esporte: o futebol como ferramenta de inclusão social. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 14, n. 1, p. 37-47, jan./abr. 2023.

Resumo

Na atualidade, é possível tomar o esporte como uma via de inclusão bastante significativa, porém nos propusemos a verificar como o esporte se apresenta quando se trata da população de pessoas transexuais, mais precisamente no Fut7. Objetivamos analisar o processo de inserção e atuação de jogadores de Fut7 transexuais do time carioca BigTBoys, tendo como questão: como se dá o acesso ao esporte, mais especificamente no Fut7, por homens trans? Foi elaborado um questionário misto (perguntas fechadas e abertas) para coleta de dados, cujas respostas foram organizadas em sínteses, que foram posteriormente analisadas pela técnica de análise de discurso. Como resultados, identificamos que os jogadores transexuais do time de Fut7 têm no esporte, mais precisamente no time BigTBoys, um local de acolhimento, pertencimento, cuidado e bem-estar. Porém, percebemos que num cenário mais amplo a inclusão no esporte não ocorre de forma pacífica em função do gênero e da sexualidade, tornando-se importante alertar sobre a necessidade de mais pesquisas acadêmicas acerca do tema com o intuito de tornar o esporte mais inclusivo e um aliado, não um local intimidador, para homens não cisheterossexuais.

Palavras-chave: Pessoas Transgênero, Homens, Esportes, Futebol.



Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

Currently, it is possible to take sport as a very significant means of inclusion, but we set out to verify how sport is presented when it comes to the transgender population, more precisely in Fut7. We aimed to analyze the process of insertion and performance of transsexual Fut7 players from the Rio de Janeiro team BigTBoys, having as a question: how is access to sport, more specifically Fut7, given to trans men? A questionnaire (both closed and opened questions) was prepared for data collection, whose responses were organized in summaries, which were later analyzed using the discourse analysis technique. As a result, we identified that the transgender players of the Fut7 team have in the sport, more precisely in the BigTBoys team, a place of welcome, belonging, care and well-being. However, we realize that in a broader scenario, inclusion in sport does not occur peacefully due to gender and sexuality, making it important to warn about the need for more academic research on the subject in order to make sport more inclusive and an ally, not an intimidating place, for non-cisheterosexual men.

Keywords: Transgender Person, Men, Sports, Football.

Introdução

Num breve contexto histórico, os esportes de maneira geral sempre foram vistos como uma ferramenta para dispersar a atenção de assuntos complexos. Por muitas vezes o esporte é apenas tido como uma maneira de entretenimento, de forma que a população seja brilhantemente enganada pela conhecida política do “pão e circo”, que se inicia no Império Romano, criada justamente para apaziguar a plebe fornecendo banquetes e atrações como competições e atividades artísticas. Porém, hoje também compreendemos o esporte como uma ferramenta que pode ser utilizada para fomentar as manifestações políticas e debates sociais (BRACHT, 2005). Cientes disso, podemos, através do esporte, favorecer a

Afiliação dos autores:

Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

* Email de correspondência: rafaelgarcia@eefd.ufrj.br

Recebido em: 08/01/2023. Aceito em: 28/03/2023.

inclusão de pessoas transexuais nos espaços que elas por tempos não se sentiram seguras, tampouco tiveram oportunidades de ocupar.

A identificação de gênero, que por muitas vezes é confundida com sexualidade, é uma construção socioafetiva para além da performance que envolve o diálogo constante entre a sexualidade e o gênero. Nessa estrutura a pessoa transexual pode ser compreendida como uma pessoa que se sente “[...] insatisfeita com algumas das suas condicionantes biológicas e busca alternativas para manter em equilíbrio o que deseja ser e o que é” (SERRANO; CAMINHA; GOMES, 2017, p. 1120). Em termos científicos, a temática da transexualidade começou a ser discutida na década de 1960, quando os estudos de gênero se tornaram mais evidentes e consistentes fora do país. Segundo Serrano, Caminha e Gomes (2019), os debates sobre gênero ampliaram-se no Brasil a partir dos anos 1970, junto com os movimentos feministas pró-democracia e igualdade, em um contexto de ditadura militar, mesmo período em que a ONU prevê o início da Década da Mulher. Este cenário impulsionou uma onda de estudos de gênero que refletiu também na temática da transexualidade.

Segundo Almeida (2012), os homens trans tem muitas diferenças entre si em função das questões sociais, como a classe social, a raça/cor, a orientação sexual, a geração, onde nasceram, onde residem, entre outras. De maneira geral eles utilizam os termos “transexual” e “trans”, de maneira frequente precedem esses termos pelo substantivo “homem”. Em suas falas há experiências de discriminação, preconceito e marcos de rejeição ratificado pelo binarismo de gênero, além dos preconceitos de homofobia e sexismo experienciado por conta de uma lógica binária e sexista social. Esses momentos de rejeição se alongam por toda a sua vida, desde a infância até a fase adulta.

Para Santana e Garcia (2019), os estudos sobre os sujeitos não cisheteronormativos no futebol contemporâneo brasileiro encontram-se em ascensão, dos quais citam-se Bandeira e Seffner (2013), Anjos (2018) e Toledo e Camargo (2018). Na pesquisa, os autores destacam o futebol na contemporaneidade se consagrando como espaço (templo) de reserva masculina, na medida em que constroem corpos sob os moldes de gênero cisheterossexuais. A inserção de pessoas trans no esporte é um desafio. E é ainda maior no futebol, porque é frequente todo o preconceito e a discriminação sofrida pelas pessoas trans. Com isso, falar sobre futebol é falar também de espaços de ações e performances, é um assunto para refletir sobre as questões políticas e ideológicas da época que ele se configura.

Santana e Garcia (2019) indicam que as equipes Meninos Bons de Bola, TransViver Futebol Clube, *BigTboys* Futebol Clube, Cenus Futebol, Força Trans Futebol Clube, TransVersão Futebol Clube, T Mosqueteiros, Camaleões Esporte Clube, TransUnited Futebol Clube, entre outros, compõem o quadro nacional de times de futebol que contém apenas pessoas trans. A participação de homens trans reverbera em competições nacionais da modalidade, onde também promovem inúmeros projetos e eventos de conscientização. Nesse contexto, destaca-se o *BigTboys* como “primeiro time de homens trans de FUT7 e também o primeiro a ser filiado e federado no Brasil” (SANTANA; GARCIA, 2019, p. 72-73) pelo pioneirismo e ineditismo frente às demandas de oficialização junto a uma federação em território nacional.

O que esse trabalho tematiza é a relação entre exercícios físicos enquanto recurso para operar modificações na construção dos corpos, bem como a produção das masculinidades por homens transexuais através do esporte como fator determinante para a inserção desses sujeitos na sociedade. Há a possibilidade do esporte ser uma das principais formas de inclusão social desses homens trans na sociedade atual, então temos por **objetivo** analisar o processo de inserção e atuação de jogadores de Fut7 transexuais do time carioca *BigTboys*. Como **questão norteadora**, temos: como se dá o acesso ao esporte, mais especificamente no Fut7, por homens trans? Problematizar essas construções e as possibilidades da prática esportiva podem ser uma tentativa de desconstruir modelos regulatórios e castradores, e ao mesmo tempo abrir caminhos que possibilitem a inserção de novas ideias de masculinidades e feminilidades no Fut7.

Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória, adotando uma perspectiva interpretativa fenomenológica (GASKELL; BAUER, 2012). Optamos por investigar os membros da equipe carioca *BigTboys*. Os sujeitos sociais da pesquisa foram dez homens trans integrantes da equipe de Fut7 do referido clube, reconhecido como o primeiro time composto apenas por homens trans, localizado em Padre Miguel, na cidade do Rio de Janeiro/RJ.

Para coletar nossos dados, um dos pesquisadores, que já integrava a equipe técnica do *BigTboys* como preparador físico dos atletas, apresentou a pesquisa e solicitou que os jogadores que se sentissem confortáveis em contribuir com o estudo participassem do mesmo através de um questionário virtual, aplicado através da plataforma *Google Forms*. O formulário contou com 14 questões, sendo elas 04 objetivas e 10 discursivas, elaboradas unicamente para essa pesquisa.

O questionário ficou disponível durante dois meses (junho-2021/julho-2021), sendo preenchido por dez jogadores. Para análise fenomenológica desses dados primários, as respostas foram divididas em dois blocos, A e B. O bloco A representa as perguntas fechadas. O bloco B representa as perguntas abertas, as quais analisamos a narrativa dos atletas pela técnica de análise de discurso (ORLANDI, 2011). A noção de “discurso” aqui empregada é demarcada por valores e sentidos de seus enunciadores, e através dela “[...] se explicita o modo de existência da linguagem que é social” (ORLANDI, 2011, p. 19). Valoriza-se o contexto sócio-histórico, a cultura, as relações sociais e a maneira como juízos e sentidos são empregados às linguagens, sejam explícitas ou não.

Salienta-se que o presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF/UFRJ), sendo o número do parecer 2.339.451 e o protocolo 245-17, grupo III.

Resultados

Bloco A

Temos a seguir extratos que contribuem com nossa pesquisa através de respostas objetivas, elucidando-nos como esses atletas se sentem diante as dificuldades impostas pela sociedade e sua relação direta com o esporte.

A primeira questão (A1) teve como intuito saber a parcela dos atletas que por algum motivo já se viu frente ao desânimo e a necessidade de desistir do esporte por conta de terem iniciado a transição de gênero. Um total de 5 respondeu que já sentiu vontade de desistir dos esportes, e os outros 5 disseram não terem sentido vontade.

Apesar de todos os participantes terem sinalizado um grande interesse no esporte, metade deles responderam que já pensaram em desistir da prática esportiva, demonstrando que a permanência no esporte por esta população está permeada por diversos obstáculos, sendo o maior deles o preconceito. Segundo Anjos (2018) tem-se que os gêneros são moldados de uma lógica de gênero, de acordo com as normas que pré-estabelecem uma completude entre macho e fêmea. Ainda segundo a autora, o sujeito depende do engessamento do que é tido como natural ao que tange a identidade sexual, para que se construa. Os que subvertem essas formas de expressão e performance, acabam sendo vítimas da discriminação e violência.

A segunda questão (A2) se fez necessária para saber se esses mesmos atletas que pensaram em desistir do esporte, compreendiam que em grande escala esse mesmo esporte é uma força político-social que promove visibilidade e impacta positivamente outras parcelas da sociedade com sua participação.

Temos 8 dos participantes respondendo que têm noção do grande impacto que sua participação no Fut7 tem para promoção da visibilidade de forma mais ampla na sociedade, destacando o papel político-social que o esporte exerce dentro da sociedade. Lembrando que nossos participantes são integrantes de um time formado exclusivamente por homens trans, o único time na cidade e no estado do Rio de Janeiro

em que todos os jogadores são homens trans.

Através dos resultados obtidos pelas A1 e A2, fica claro que, apesar dos atletas terem consciência da importância da participação deles ativamente nos esportes que lhes agradam, pensando nisso também como uma forma de incentivar cada vez mais outros atletas trans a praticarem esportes, há um alto índice de atletas que pensaram em desistir do Fut7. Para além de dados que já mostramos ao longo deste estudo, temos também outros extratos que podem nos ajudar a construir um pensamento mais crítico acerca da temática.

Para isso, as questões 3 (A3) e 4 (A4) almejavam elucidar como a questão do corpo pode influenciar esses resultados anteriores. A A3 buscava saber se esses atletas estão fazendo a terapia hormonal e de que forma esse processo se dá (caso esteja acontecendo, com equipe médica ou sozinho), já que, segundo Trindade *et al.* (2021), a terapia hormonal consiste em alinhar as características físicas à identidade de gênero e para isso utilizam-se os hormônios androgênicos. No caso dos homens transgênero, as dosagens intramusculares são da Testosterona Total, do Hormônio Luteinizante (LH) e do Hormônio Folículo Estimulante (FSH), com um intervalo de aplicações estabelecido junto ao médico.

A seguir temos as respostas dos jogadores, mostrando que metade deles está sendo acompanhada por profissionais da saúde e a outra metade já iniciou sua hormonioterapia, mas não conta com uma equipe qualificada para acompanhá-los. Esse dado retrata não só a realidade dos atletas do *BigTboys*, mas de grande parcela dos homens trans do Brasil. Muitos não têm acesso a uma equipe multidisciplinar, outros conseguem, mas não recebem o devido acolhimento e até mesmo encontram profissionais que dizem estar inaptos para darem início a terapia hormonal. Segundo Lima e Cruz (2016), o processo transexualizador ofertado pelos serviços de saúde brasileiros ainda é polêmico e não-universal, não estando acessível a todos, o que seria um dos fatores que explicam a automedicação desses homens.

Arán e Murta (2009, p. 19) comentam que “a maioria dos(as) usuários(as) chega aos serviços já tendo feito uso anterior (automedicação) de algum tipo de hormônio por indicação de amigos ou através de informações coletadas na internet”, por isso se vê necessário informar aos atletas que a hormonização por conta própria pode trazer danos severos à saúde. Na reportagem de O Globo (2021), expõe-se que o uso em excesso de testosterona pode causar muitas complicações, tais como lesões em órgãos como o fígado, pela toxicidade, e essa sobrecarga, a longo prazo, pode levar a uma predisposição a tumores. Também há possibilidade de surgirem doenças cardiovasculares, devido às alterações nos índices lipídicos. O sangue fica mais viscoso, além da possibilidade de surgirem alguns espasmos, câimbras e lesões nos tendões e músculos (fatores que interferem diretamente no rendimento corporal – e esportivo – dos jogadores trans).

Mas não só de efeitos físicos o homem trans está vulnerável com a hormonioterapia. O impacto da transição hormonal também mobiliza o aspecto psicológico do sujeito, muito próximo ao que ocorre com os homens cisgênero no período da puberdade. Uma montanha-russa de emoções, resultado da hormonização que pode mexer igualmente com os sentimentos durante a transição. Por isso a importância da terapia hormonal individualizada, ou seja, a dosagem diferente para cada sujeito, além de um acompanhamento multidisciplinar para que se possa garantir estar observando os níveis hormonais, cuidando da saúde de forma global, estimulando a qualidade de vida e melhor adequação a esses momentos.

Com base na resposta da questão anterior, adentramos na A4 visando saber se os atletas já passaram pela mastectomia masculinizadora, uma cirurgia bastante procurada por homens trans que contribui para reduzir a sua disforia de gênero (embora grande parte desse público opte pela não realização da cirurgia). Encontramos que 8 atletas desejam fazer a mastectomia e que 2 já a realizaram.

Tratando-se de pessoas transexuais, esses números resultam de uma pesquisa acadêmica que nos faz pensar nessa parcela da sociedade que não tem possibilidade de se encontrar consigo mesmo e se sentir amplamente bem. Ratificamos o resultado desse gráfico trazendo um dado importantíssimo do Estado do Rio de Janeiro, local de residência de todos os atletas do time *BigTboys*.

Segundo o site da Federação Médica Brasileira, o Hospital Universitário Pedro Ernesto - HUPE¹ é a única unidade de saúde habilitada a realizar as cirurgias no âmbito do Rio de Janeiro, mas o fluxo de atendimento não tem sido realizado de forma célere, inúmeros pacientes já considerados aptos ainda se encontram em filas enormes para a realização da cirurgia sem sequer estimativa de tempo de espera.

De acordo com Bento e Pelúcio (2012), os “desviantes sexuais” são escrutinados corporalmente, tornando-se abjetos, desautorizados, indignos e até mesmo “monstros”. O reflexo do descaso, ou pouca atenção para com este público ilustra a relação de negação que se estabelece ao reconhecimento de sua cidadania enquanto seres humanos dignos, processo edificado ao longo de muitos anos, principalmente devido ao caráter de psicopatologização da identidade trans.

É esse percurso histórico carregado de discriminação, desautorização dos seus desejos, uma política nada inclusiva, que corrobora com pessoas trans sem acesso ao sistemas de saúde, além de contribuir para que tenham maior suscetibilidade à vulnerabilidades sociais, e o não reconhecimento da identidade de gênero que se identificam, em alguns casos mesmo tendo feito as cirurgias de redesignação.

Bloco B

Aqui encontram-se as questões discursivas, onde procuramos compreender o olhar dessas pessoas pelo esporte que praticam, como se deu esse interesse, quais as dificuldades que eles enfrentam para continuar a praticar esportes e serem livres enquanto homens trans em um contexto marcado por inúmeros mecanismos de transfobia (ANTRA, 2021).

A maior parte dos homens entrevistados deixa evidente a importância que o esporte tem para a vida deles, também é nítido que o esporte por vezes foi o elo estabelecido entre eles e a sociedade. Salienta-se que todos já praticavam a modalidade de longa data, inclusive antes da transição (que ocorreu, para a maioria, na idade adulta).

J1- Esporte sempre foi muito importante para mim. Desde criança.

J2- Meu interesse pelo esporte começou aos 8 anos de idade.

J3- Praticar esporte sempre foi uma das coisas que mais gostava de fazer e também o que mais gosto de ver. Sou apaixonado por futebol.

J4- Desde criança o meu interesse por futebol sempre foi grande, cheguei a praticar futsal, porém tive que parar por preconceito da família.

J6- Desde criança sempre tive interesse em esportes, sou do tipo que assiste qualquer modalidade na tv, e sempre tive interesse em participar de todas atividades esportivas que me foram apresentadas.

J7- Sempre gostei muito de esporte, o difícil era ser aceito em alguma modalidade. Principalmente por preconceito.

O esporte que proporciona um acolhimento aos homens trans que exercem a masculinidade na

1 Referência em transexualidade, Pedro Ernesto clama por apoio ao serviço. Disponível em <https://portalfmb.org.br/2016/09/09/referencia-em-transexualidade-pedro-ernesto-clama-por-apoio-ao-servico/> Acesso em 15 nov. 2022.

lógica binária, também é o que torna o sujeito que foge desses padrões suscetível à discriminação e violência, desde a violência verbal, como chacotas e ridicularizações, até a violência física em seus corpos. Contudo, se fazer presente nesses espaços tem uma importância político-social. Santana e Garcia (2019 p. 74) explicam: “Dubiamente, promovem rupturas e tensões significativas, já que se inserem em um espaço até então hostil para pessoas que não sejam homens cisgênero”. Reconhecer-se um homem trans no cenário do futebol veio cheio de desfechos e, quando perguntados sobre quais dificuldades e facilidades encontraram no processo, os depoentes registraram que:

J1- Meu amor pelo esporte foi o meu maior incentivo.

J2- É ruim demais você querer participar de um jogo/treino com homens cis e ficarem te tratando como mulher. Não te escolherem duvidando da sua capacidade de atuar tão bem quanto eles em campo.

J3- Sempre achei que não teria como ingressar em nenhum esporte após a transição, existem diversas questões sociais por trás disso, então me motivei continuar na malhação já que não poderia de certa forma voltar a praticar alguma outra modalidade.

J4- Me sinto como se fosse uma referência pra outras pessoas trans se inserirem no esporte.

J5- Foi um abre alas, me ajudou muito no meu processo de transição. Principalmente em momentos de crise.

J6- No esporte não foi difícil, foi natural, uma vez que eu já tinha me reconhecido fora das quadras mesmo [...] mas não me encaixava em nenhuma modalidade esportiva, uma vez que todas são divididas por gênero.

J9- Difícil, pois era difícil ter um time em que eu me sentisse encaixado.

J10- A princípio, excludente, mas cada vez mais eu venho buscando conquistar espaços, no esporte.

De maneira infeliz, o padrão de corpos cisgênero é um elemento comum para momentos difíceis desses atletas. Para o Fut7, assim como o futebol, tem-se que segundo Bandeira e Seffner (2013 p. 251), “ser homem ou masculino não é uma essência, mas uma performatividade que diferencia os sujeitos de gênero. Sabe-se que não existem quaisquer características que possam ser tomadas como masculinas desde os primórdios até todo o sempre.” Sendo assim, os homens trans que não têm como intenção performar essa masculinidade estereotipada e não correspondem ao padrão imposto pela sociedade, têm tendência a deixar de praticar o esporte por sofrerem violências ou percorrem uma trajetória até a performance masculina binária para evitarem constrangimentos.

Quando perguntados sobre como foi a inserção no Fut7 (idade, antes ou depois da transição, de que maneira, etc.), os entrevistados responderam:

J1- Bom sempre joguei. Até joguei em times grandes, porém minha mãe nunca aceitou alegando que eu ia virar lésbica.

J3- Sempre joguei futebol, foi sempre uma paixão minha. Porém, depois de um certo tempo, não tive mais contato com ninguém na qual pudesse continuar a jogar, me mudei pra outro estado e também as pessoas na qual eu conhecia não tinha costume de praticar esportes. Infelizmente, foi inevitável ter que parar.

J5- Eu tinha 22 anos, tinha acabado de iniciar minha transição quando me deparei com uma postagem. Um anúncio de um time trans de fut7 que estava iniciando. Não pensei duas vezes antes de entrar. Desde pequeno sempre fui apaixonado por futebol, e fazia escolinhas.

J6- Antes da transição jogava futebol em um time masculino cis, quando criança. E só depois da transição que me envolvi no Fut7, e no time trans.

J8- Sempre gostei do esporte, mas queria algo que me encaixasse, que me sentisse livre, com 32 anos de idade e na transição fica cada vez mais difícil de encontrar algo que você possa ser você mesmo, através do Instagram e pesquisando achei o BigTboys, me senti aliviado, rs.

J9- Foi através do time BigTboys, com 31 anos, depois da transição, através de um amigo que me apresentou um dos atletas do time.

No futebol e no esporte de uma forma geral, pessoas trans atravessam as fronteiras das atribuições de gêneros socialmente compreendidas como fixas. Homens trans, quando não ocupam um lugar social privilegiado no que tange sua masculinidade, é colocado à margem. Januário (2016) explica que a masculinidade marginalizada é produto de relações de poder em que a masculinidade hegemônica se sobrepõe às outras formas de ser e se expressar masculino. Nesse sentido, a autora destaca que são “grupos explorados ou oprimidos que podem compartilhar muitas das características da masculinidade hegemônica, mas que são socialmente desautorizados (JANUÁRIO, 2016, p. 118)”.

Na vida e no universo do Fut7, existem as masculinidades mais valorizadas, que se aproximam da cultura das masculinidades heroicas e esportivas associadas a algumas características como a coragem e a virilidade. Grespan e Goellner (2014) situam o esporte como um espaço generificado, podendo ser classificado como um templo de reserva da masculinidade hegemônica, com perceptíveis segregações de gênero que reproduzem desigualdades reforçadas pelo engrandecimento da divisão binária e hegemônica entre homens e mulheres (cis), masculino e feminino (cis). Segundo Camargo (2021, p. 3),

Apesar de um discurso midiaticamente difundido de inclusão da diferença de corpos outros no esporte convencional, principalmente a inserção de pessoas com deficiência, a máxima não vale no tocante à sexualidade e muito menos quando se tratam de dissidências de gênero, como corpos/corpes que transitam entre gêneros e não assumem uma sexualidade “cis heteronormativa”.

Diante desse cenário, cabe ressaltar que se faz necessário uma política que contribua para a segurança desses homens junto a um esporte que não se oponha à sua existência. Muitos dos relatos que essa pesquisa pôde trazer foi que o Fut7 mantém esses sujeitos conectados tão fortemente que muitos caracterizam o time como uma família. E no bojo de suas famílias muitas vezes não lhes é permitido serem livres da forma mais tranquila e pura. Os depoentes assim situam o espaço do *BigTboys*:

J1- Sempre estive no time. Ele parecendo as vezes que não ia evoluir, mesmo assim eu fiquei. Meu amor pelo esporte, pelo time, vai além de qualquer coisa na minha vida. Bigtboys me deu uma família, além de dar a oportunidade de continuar fazendo o que eu sempre amei, jogar fut7. Não vou sair nunca do time. Nunca pensei em sair e nem penso.

J2- Quando conheci o time em que faço parte tive bastante divergências no início. Pensei muitas vezes em desistir e nunca mais voltar. Mas por amor ao futebol, voltei e voltaria quantas vezes fossem necessárias. Acredito que nenhum obstáculo é tão grande quando se tem um sonho e o futebol é o meu sonho. Nós já somos excluídos de muitas coisas por ser uma pessoa trans, então, acredito que mesmo sem forças e com tudo o que passamos, criamos forças para continuar. Nós seremos/somos a resistência e persistência.

J3- Após encontrar um time que agregaria somente homens trans eu me senti em casa de novo, como se eu pudesse retomar anos atrás e voltar pra onde eu sempre quis voltar. Jogar futebol sempre foi uma paixão e me sinto feliz de poder voltar e ainda com pessoas que me entendem e são como eu.

J4- Foi através do BigTboys, eu sempre gostei de futebol e agarrei essa oportunidade de fazer parte de um time onde eu fosse respeitado e pudesse ser incentivo pra outros homens trans.

J5- Vi um anuncio de um time fut7 que estava se iniciando e fui pra ver no que ia dar. Amei, e vi que ali era o meu lugar. Sigo com essa família até hoje.

J6- Eu busquei durante muito tempo, e não encontrava pessoas que tinham essa vontade de levantar nossa bandeira no esporte. Foi depois de meses, achei o Cristian que fazia anúncios sobre o time, entrei em contato, fui aos treinos fui muito bem recebido e até hoje luto para que o time continue vivo.

J7- Recebi o convite, no início senti medo, mas depois vi pessoas como eu ali e quero continuar e tentar mudar a visão sobre nós e onde podemos estar.

J8- É um ciclo novo, pessoas novas, me encaixando aos poucos e me sentindo bem no momento, tenho muito que aprender ainda, no momento esperando as grandes oportunidades de reencontros.

J9- Um amigo me apresentou um atleta que já fazia parte de um time, eu me interessei muito e entrei em contato com o diretor do time, que foi muito receptivo, comecei a frequentar os treinos.

J10- É como eu respondi anteriormente, foi de 2020 para cá, essa inserção, que eu pretendo levar pra sempre.

É perceptível que o futebol é um fenômeno social capaz de mobilizar multidões, não se restringindo apenas às influências afetivo-sociais. Ele gera interferências no âmbito político e, a partir desta ótica, pode-se conceber a relevante relação do futebol com as manifestações da sociedade contemporânea brasileira (MARTINS; ASSUNÇÃO, 2019). O futebol tem uma grande significância simbólica, onde representa as masculinidades mais enraizadas, a virilidade, a agressividade e a estética do que seria um corpo masculino idealizado pela sociedade cisheteronormativa (SANTANA; GARCIA, 2019).

Neste universo, Martins e Assunção (2019) evidenciam que a inserção de sujeitos trans nos esportes não é uma tarefa simples, ocorrência que se sustenta ao observarmos o ambiente do futebol, sendo justificado pelo fato de que historicamente a modalidade contém inúmeras formas de propagar opressão e discriminação contra sujeitos que usualmente são invisibilizados pela sociedade, ou seja, sujeitos LGBTI+, mulheres e negros (ANJOS, 2018). A homofobia e a transfobia não se originaram no futebol, no entanto, se manifestam em diferentes instâncias da sociedade, tais como nas instituições de ensino e no âmbito religioso, ao negar aos cidadãos direitos civis e o mais grave deles, sendo a violência física e verbal direcionada à população LGBTI+.

De acordo com Bandeira e Seffner (2013), considerando a influência enquanto manifestação cultural que o futebol possui no Brasil e no mundo, acredita-se que ao romper com essa violência estruturalizada pode-se despertar uma forma de resistência através do esporte em questão.

Apesar deste cenário desfavorável para a inserção de homens trans no ambiente esportivo, nesse caso especificamente no futebol, quando esta barreira é transpassada configura uma quebra destes padrões cisheteronormativos. Como percebemos, o futebol tornou-se uma ferramenta para a inserção de homens trans no esporte em uma comunidade, deflagrando uma ruptura de paradigmas em um espectro maior. A relevância do *BigTboys* enquanto espaço acolhedor desenhou um ambiente familiar, de proteção, de amizade e cuidados entre os sujeitos, o que pode reverberar para além do time em si, aumentando a inclusão de homens trans em diversos setores. Para aumentar essa inserção de homens trans no esporte, os depoentes acreditam que:

J2- Não [deveriam] existir diferenças (mesmo sabendo que elas existem). Existir mais inclusão no esporte independente de classe ou gênero.

J3- Acho que muito disso envolve políticas públicas, porque de fato muitos de nós não somos expostos à sociedade justamente pelos julgamentos e constrangimentos que sofremos por tal exposição. Tudo isso depende do acolhimento, do não julgamento. Mas a questão é que existe o preconceito enraizado e por mais que possa diminuir, sempre vai existir essa parte em que nos horroriza da sociedade.

J5- Se tivéssemos federação especializada para fazer campeonatos e regras de acordo com nossa realidade.

J10- Debate social amplo sobre as questões hormonais, o respeito entre as pessoas e a empatia e esse acolhimento, que é o esporte. O esporte acolhe todo tipo de pessoas e nos une, sempre.

Para Garcia e Pereira (2018), ao se inserir no esporte moderno tais expressões de corporalidades divergentes dos estigmas sociais vistos no ambiente esportivo tradicional viabilizam a expansão das fronteiras que balizam os corpos, suas pluralidades e ambiguidades. Ao conjecturar sob esta perspectiva apontamos para o foco do nosso trabalho, retratando o papel do esporte como uma ferramenta de inclusão social para homens trans, especificamente através do Fut7.

Partindo deste cenário, é perceptível que o ambiente esportivo e principalmente quando relacionado ao futebol, comumente apresenta uma atmosfera hostil aos sujeitos com expressões de corporalidades divergentes dos padrões cisheteronormativos (MARTINS; ASSUNÇÃO, 2019), fato que levou ao surgimento de equipes esportivas amadoras formadas exclusivamente por sujeitos LGBTI+.

Quando nos referimos aos sujeitos trans no esporte, majoritariamente encontramos artigos e publicações que ressaltam a dificuldade de acesso e permanência destas pessoas no ambiente esportivo, seja a nível amador ou profissional. Em contrapartida, ao considerar o contexto esportivo dentro das equipes LGBTI+, é possível identificar nos praticantes uma forte sensação de pertencimento e representatividade (CAMARGO, 2021).

Desta forma, pode-se deduzir que o acesso ao esporte não ocorre de forma ampla, mas quando a inserção de homens trans encontra e produz um ambiente adequado, desprovido de preconceitos e de qualquer manifestação, são inúmeros os benefícios advindos desta sensação de acolhimento ao longo do processo de atuação. Atualmente, a equipe participa de competições locais e regionais, além de integrar também o quadro nacional de equipes LGBTI+ e competir em eventos específicos às diversidades, tais como a Ligay, por exemplo².

Considerações Finais

Ao analisarmos especificamente o papel do esporte na vida dos homens trans participantes da nossa pesquisa, foi unânime o reconhecimento da importância do esporte ao longo de suas vidas, tanto na prática recreativa e competitiva, o que reforça o poder do esporte como uma ferramenta de inclusão social e com grande capacidade de promover socialização e sensação de pertencimento. Quando questionados sobre sua inserção no Fut7, a maioria respondeu que se deu através da busca por um time que não fosse atrelado aos padrões cisheteronormativos, sendo nesse caso os BigTboys. Tais relatos evidenciam a necessidade que estes sujeitos sentiram de buscar uma equipe/espço que considerassem “seguro”, livre de qualquer forma de discriminação e onde eles pudessem ser aceitos independentes de suas pluralidades, identidade de gênero e sexualidade.

No decorrer das entrevistas é frequente a citação do ambiente proporcionado pela equipe *BigTboys* com sendo de extrema relevância em suas vidas, onde encontram aceitação, acolhimento, sensação de pertencimento e como um agente imprescindível para a manutenção do bem-estar físico e mental. É inegável

2 Recomendamos leitura da produção do Museu do Futebol, <https://artsandculture.google.com/story/tgVBvQE23FL-SYA>, e também da produção jornalística sobre a temática em <https://adiadorim.org/noticias/2022/07/brasil-tem-80-times-de-futebol-lgbti-em-atividade-aponta-mapeamento/>.

que o esporte tem o poder de atuar como uma ferramenta de inclusão social quando é empregado e despido de preconceitos e paradigmas, promovendo um ambiente receptivo e reconhecedor das diversas manifestações de pluralidades. Este trabalho tem o intuito final de, ao evidenciar este viés, colaborar para que o esporte contemporâneo se torne menos excludente e mais acolhedor para todos os sujeitos de forma igualitária.

Referências

- ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans”: novos matizes na tizes na aquarela das masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, mai./ago. 2012.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”:** uma história da torcida **Coligay**. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2018.
- ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020** / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. XIV, n. 29, p. 246-270, jul.- dez. 2013.
- BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Vivências trans: desafios, dissidências e conformações - apresentação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 485-488, ago. 2012.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte:** uma introdução. Ijuí: Unijuí, 2005.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimentos, **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 1–13, 2021.
- GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Resignificações no esporte através da performance de Tiffany Abreu. **E-legis**, Brasília, número especial – Pesquisas e Políticas sobre Esporte, p. 24-44, nov. 2018.
- BAUER, Martins W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- O GLOBO. **Testosterona:** os reais problemas em injetar o hormônio em seu corpo. Globo.com, 2019 Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Beleza/Saude/noticia/2018/11/testosterona-os-reais-problemas-em-injetar-o-hormonio-em-seu-corpo.html>. Acesso em: 23 set. 2021
- GRESPLAN, Carla Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. Fallon Fox: um corpo queer no octógono. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p.1265-1282, out./dez. 2014.
- JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (re)construção:** gênero, corpo e publicidade. Covilhã: Editora LabCom, 2016.
- LIMA, Fátima; CRUZ, Kathleen Tereza da. Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 162-186, ago. 2016.
- MARTINS, Débora Nascentes; ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. Bichas, macacos, Marias: narrativas de opressão, invisibilidade, preconceito e resistência no futebol. **Pretextos – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 4, n. 7, p. 342-364, jan./jun. 2019.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 6ª ed. Campinas/SP: Pontes, 2011.
- SANTANA, Wilder Kleber F.; GARCIA, Rafael Marques. O futebol brasileiro e a constituição de sujeitos trans: sob as lentes do cronotopo bakhtiniano. **FuLiA/UFMG**, v. 4, n. 3, p. 66–80, 2019.
- SERRANO, Jéssica Leite; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira; GOMES, Isabelle Sena. Homens trans e atividade física: a construção do corpo masculino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, p. e25007, 2019.
- SERRANO, Jéssica Leite; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira; GOMES, Isabelle Sena. Transexualidade e educação física: uma revisão sistemática em periódicos das ciências da saúde. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p.

1119-1132, 2017.

TOLEDO, Luiz Henrique; CAMARGO, Wagner Xavier de. Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol. **FuLiA/UFMG**, v. 3, n. 3, p. 93-107, set./dez. 2018.

TRINDADE, Caio de Azevedo *et al.* **Posicionamento Conjunto**. Medicina diagnóstica inclusiva: cuidando de pacientes transgênero. Sociedade Brasileira de Patologia Clínica, Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem, Brasil, 2021.